

HISTÓRIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: DITADURA MILITAR E EXTREMA DIREITA NA INTERNETⁱ

HISTORIA, MEMORIA Y EDUCACIÓN: DICTADURA MILITAR Y
EXTREMA DERECHA EN INTERNET

HISTORY, MEMORY AND EDUCATION: MILITARY DICTATORSHIP
AND FAR-RIGHT ON THE INTERNET

DOI: 10.22481/rbba.v13i01.14790

Elis Saraiva Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Id. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9095034875211095>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3005-2931>
Endereço eletrônico: profelissantana@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, apresentamos resultados parciais da pesquisa que estamos desenvolvendo acerca dos temas e abordagens elencados em materiais produzidos pela empresa Brasil Paralelo sobre educação e sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar. Compreendemos as produções da empresa como representativas da atuação político-ideológica da extrema direita no país, ressaltando a crescente projeção dos seus produtos para a formação e disseminação de valores ultraliberais e conservadores no ambiente virtual. Nos atemos, neste texto, em situar as primeiras discussões que estamos realizando acerca das relações entre educação e a memória e história da ditadura militar em produções da Brasil Paralelo tomando como principal aporte teórico o campo de estudos da memória social. Discutimos, de forma aproximada, como estas produções se apropriam de materiais e métodos típicos da chamada história pública para produzir narrativas legitimadoras do golpe de 1964 e

Publicado sob a Licença Internacional – CC BY

ISSN 2316-1205	Vit. da Conquista, Bahia, Brasil / Santa Fe, Santa Fe, Argentina	Vol. 13	Num.1	Jun/2024	p.99-123
----------------	--	---------	-------	----------	----------

Submissão: 15/05/2024

Aprovação: 28/05/2024

Publicação: 16/06/2024

da ditadura militar calcadas principalmente na contraposição a historiografia crítica e a educação escolar.

Palavras chave: Ditadura militar. Memória. Educação. Internet.

RESUMEN

En este artículo, presentamos los resultados parciales de la investigación que estamos desarrollando sobre los temas y enfoques delineados en materiales producidos por la empresa Brasil Paralelo sobre educación y sobre el golpe de 1964 y la dictadura militar. Entendemos las producciones de la empresa como representativas de la acción político-ideológica de la extrema derecha en el país, enfatizando en la creciente proyección de sus productos para la formación y difusión de valores ultraliberales y conservadores en el entorno virtual. En este texto, nos centramos en situar las discusiones iniciales que estamos teniendo sobre las relaciones entre la educación y la memoria y la historia de la dictadura militar en las producciones de Brasil Paralelo, tomando el campo de los estudios de la memoria social como nuestro principal marco teórico. Realizamos una aproximación, para discutir, cómo estas producciones se apropian de materiales y métodos típicos de la llamada historia pública para producir narrativas que legitiman el golpe de 1964 y la dictadura militar principalmente basadas en la oposición a la historiografía crítica y a la educación escolar.

Palabras clave: Dictadura militar. Memoria. Educación. Internet.

ABSTRACT

In this article, we present the partial results of the research we are developing on the themes and approaches listed in materials produced by the company Brasil Paralelo on education and on the 1964 coup and the military dictatorship. We understand the company's productions as representative of the political-ideological actions of the far-right in the country, emphasizing the growing projection of its products for the formation and dissemination of ultraliberal and conservative values in the virtual environment. In this text, we focus on situating the first discussions we are carrying out about the relationships between education and the memory and history of the military dictatorship in Brasil Paralelo productions, taking as its main theoretical contribution the field of social

memory studies. We approach the debate about how these productions appropriate materials and methods typical of the so-called public history to produce narratives that legitimize the 1964 coup and the military dictatorship based mainly on the opposition to critical historiography and school education.

Keywords: Military dictatorship. Memory. Education. Internet.

INTRODUÇÃO

A Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/Aⁱⁱ foi fundada em 2016 pelos sócios Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem e, desde então, tem se consolidado como uma espécie de aglutinadora de vozes da extrema direita no Brasil (CASIMIRO, 2020; SANTOS, 2021) em um contexto de ascensão de sujeitos e grupos ultraliberais e conservadores, alcançado inclusive a presidência da república entre 2019 e 2022. Desse modo, tomamos as produções da empresa como representativa da atuação orquestrada da ascendente extrema direita no Brasil e no mundo:

Para se compreender a reinvenção das direitas no Brasil, é preciso ter em vista essa articulação de organizações, produzindo conteúdos compartilhados direta e indiretamente. Defendem pressupostos comuns, mesmo possuindo determinadas divergências intraclasse, capilarizando seus discursos em um movimento de reiteração e validação que produz uma aparência de verdade e que acaba sendo socialmente aceita. Assim, municiam seus ativistas políticos com uma rede interligada e sofisticada de produção de consenso. (CASIMIRO, 2020, p.67).

Com a autodeclarada missão de “resgatar os bons valores, ideais e sentimentos no coração de todos os brasileiros” a Brasil Paralelo se define como “uma empresa privada de jornalismo, entretenimento e **educação**” (BRASIL PARALELO, c2022, grifo nosso). Embora exalte em sua narrativa o empreendedorismo dos membros fundadores que teriam começado com poucos recursos, é notável como desde sua primeira produção, o Congresso Brasil Paralelo, de 2016, a empresa conta com a participação de nomes de destaque na política nacional. De acordo com Vasconcelos (2021, p.14):

Apesar da narrativa de origem ser marcada pela modéstia, a empresa sempre teve um bom "catálogo" de palestrantes em seus cursos, como Mendonça Filho (ex-Ministro da Educação), Gilmar Mendes (Ministro do STF), membros da família Bolsonaro e Olavo de Carvalho. Do mesmo modo, sua primeira série, "Congresso Brasil Paralelo", foi feita a partir de depoimentos em vídeo de personalidades do conservadorismo brasileiro. Comprovando o seu alinhamento político-ideológico, seu primeiro grande produto foi um documentário sobre a destituição do poder da presidente Dilma Rousseff, exibido em cinema de um dos maiores shoppings de Porto Alegre.

As ligações político-ideológicas da empresa, apesar da sua pretensa neutralidade, são frequentemente apontadas pelas pesquisas, dentre as quais, Buzalaf (2019); Carvalho, Martini (2018); Dias (2019); Lima (2019) e Paulo (2020). A Brasil Paralelo se consolida, assim, como um canal de projeção para diversas vozes da extrema direita brasileira:

Do revisionismo soft de Brasil, a última cruzada, ao revisionismo hard de Brasil, 1964: entre armas e livros, que justifica a ditadura e demoniza seus inimigos, passando pelos ataques a Paulo Freire em Pátria educadora, a BrP mal disfarçava, apesar do recurso retórico à "imparcialidade", sua filiação ideológica e seu papel na construção da hegemonia política e cultural da extrema-direita. (GRUNER; CLETO, 2021, p.363, grifo do autor).

Sem embargo, a atuação da Brasil Paralelo no ciberespaço também pode ser pensada na dimensão de uma história para o público (SANTHIAGO, 2016), no âmbito da história pública, que explora uma demanda de mercado para propagar uma espécie de "programa educativo" que tem no revisionismo ideológico da História, especialmente da Ditadura Militar no Brasil, um de seus pilares. Não obstante, a disseminação dessa releitura conservadora sobre a Ditadura Militar e sobre a Educação Escolar no Brasil se dá, essencialmente, por meio da internet.

A relação entre produção histórica e a internet, como aponta Noiret (2015), tem se tornado um elemento central para pensar o trabalho historiográfico e o papel do historiador com a multiplicação de conteúdos sobre história na internet e seus objetivos político-ideológicos. Tratando especificamente do Metapédia – um site que pretende se colocar como uma enciclopédia alternativa apresentando majoritariamente proposições negacionistas sobre diferentes temas históricos –, o autor adverte:

Educadores e historiadores públicos têm o dever de interpretar criticamente a narrativa falsamente "objetivante". E não apenas a narrativa da historiografia celebrativa nacional [...], mas, **sobretudo, aquela virtual e viral mais insidiosa, que promove memórias coletivas alternativas a assim chamada**

história “oficial”, e retoma – ou inventa por inteiro – novas “legendas nacionais”. Exatamente como acontece com a paródia europeia de Wikipédia, a Metapédia, com suas narrativas nacionalistas, racistas e revisionistas, e a sua vontade de plasmar a “linguagem” pública e acadêmica europeia para descobrir “verdadeiros” passados e memórias coletivas nacionais. (NOIRET, 2015, p.40, grifo nosso).

Diante do exposto, pretendemos, neste texto, apresentar, de forma aproximada, como a empresa mobiliza uma determinada narrativa sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar e, principalmente, as relações entre história, memória e educação estabelecidas nesses materiais para conformação de um determinado projeto de sociedade, preocupado, sobretudo, com a garantia da manutenção da hegemonia de determinados grupos e sujeitos sociais (MAGALHÃES, 2014). Assim, nos atemos ao filme *1964: o Brasil entre armas e livros*, que trata especificamente sobre o golpe de 1964 e a ditadura subsequente; e ao segundo capítulo, intitulado *Pelas barbas do profeta*, da produção audiovisual *Pátria Educadora*, disponibilizada gratuitamente no canal da Brasil Paralelo no *YouTube*, a partir de março de 2020ⁱⁱⁱ.

O GOLPE DE 1964 E A DITADURA MILITAR NA NARRATIVA DA BRASIL PARALELO: MEMÓRIA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

O primeiro vídeo que discutimos é intitulado “1964:o Brasil entre armas e livros”, lançado em 2019 e disponibilizado pela empresa em seu canal no *YouTube*. Este filme aborda a temática do golpe de 1964 e da ditadura militar e é uma das produções de maior expressão da empresa, somando mais de 11 milhões de visualizações na plataforma^{iv}.

A produção audiovisual, no formato de documentário histórico, se propõe a divulgar uma “verdade” sobre a ditadura militar que, segundo sua versão, tem sido encoberta pela historiografia, pelo sistema de ensino e pela chamada grande mídia que visa propagar o comunismo, ou a esquerda e seu plano de dominação global. É importante ressaltar que, ao longo das produções analisadas, “comunismo” e “esquerda” são tomados como sinônimos.

Assim, a necessidade do golpe de 1964 como um contragolpe a uma suposta conspiração comunista é constantemente acionada no filme, como demonstra o trecho a seguir, de uma fala de Olavo de Carvalho, autodeclarado filósofo e um dos nomes de maior influência na projeção que a extrema direita vem alcançando no Brasil nos últimos anos: “[...] em 1963, ou seja, já tinha guerrilhas no Brasil. Quer dizer que a guerrilha foi uma resposta ao golpe? Não, não é não. Ao contrário, o golpe foi uma resposta às guerrilhas, né?” (BRASIL PARALELO, 2019).

Desse modo, na narrativa da Brasil Paralelo, o golpe torna-se “revolução”, uma “rebelião militar” que teria sido uma reação à iminência de uma dominação comunista, diante da inevitabilidade do golpe. A fala do jornalista Lucas Berlanza é ilustrativa: “O golpe viria. O golpe de esquerda viria. Temos que reagir, temos que derrubar o governo e deflagrou, né? a rebelião militar” (BRASIL PARALELO, 2019). Além disso, nessa versão propagada pelo filme, a reação ao perigo comunista teria contado com um amplo apoio social como afirma o jornalista Fernão Mesquita em participação na produção: “O Brasil inteiro estava a favor de 64. Toda a imprensa, a igreja, todo mundo” (BRASIL PARALELO, 2019).

A insistência no suposto perigo de uma revolução comunista como justificativa para o golpe de 1964 se ancora em discurso anticomunista que, segundo Motta (2022), está profundamente arraigado às estratégias de atuação da direita radical no Brasil desde a década de 1930. A necessidade de deter a ameaça comunista é um elemento importante nas narrativas memorialísticas de civis e militares conspiradores e continua encampando as mobilizações e discursos de sujeitos e grupos da extrema direita em ascensão no país a partir dos anos de 2010:

Uma das inquietações que aparece como foco central dessas memórias é a questão do imediato sucesso da operação “golpe” e a não resistência por parte do governo Goulart e demais grupos de “esquerda”. A maioria das narrativas é alarmista no sentido de apontar para o risco do caos representado pela continuidade do governo Goulart. O Brasil corria o risco da “comunização”, tal a quantidade de greves e mobilizações que varriam o território. De acordo com os militares analisados, a inevitabilidade da “Revolução de 1964” se justifica frente à “revolução comunista” em curso. (CARDOSO, 2018, p.5).

Diríamos, assim, que o anticomunismo se converte em um importante elo de reconstituição dos sentidos do passado (JELIN, 2001) a partir da mobilização de memórias sociais capazes de sensibilizar grupos conservadores que reivindicam e atualizam uma “tradição anticomunista” muito presente no processo do golpe de 1964 e durante a ditadura militar.

Por fim, a última fala do filme arremata toda a narrativa construída ao longo da produção: enquanto o exército se empenhou na defesa contra a esquerda e na necessidade de uma contraofensiva, segundo eles, os comunistas galgaram espaço nos movimentos culturais e sociais, e na formação político-acadêmica e educacional. Assim, o anticomunismo se torna um dos principais temas para a educação de novas gerações para a defesa da ditadura como uma arma contra o que eles chamam de esquerdistas:

Que fim teve a guerra fria? Se fizemos parte dessa guerra, se impedimos uma revolução, foi com a ajuda do quarto poder do Brasil, o exército. Por 21 anos essa justificativa manteve o poder nas mãos dos militares e foi berço de novas consequências. **A revolução se transmutou das armas para os livros, transformou um lado da guerra em mártir, fez da história propaganda, panfletou nas escolas, na mídia, nas universidades. Formou a nova geração brasileira. Essa geração foi trabalhar nos meios de comunicação, nas editoras, e na educação do Brasil. A hegemonia quase apagou o passado e perpetuou uma narrativa.** Um lado da guerra foi herói e o outro, opressor. O que fizeram os heróis? (BRASIL PARALELO, 2019, grifo nosso).

A partir do exposto, podemos inferir que a narrativa construída no filme em questão é parte fundante da disputa de uma história e memória da ditadura militar que assegura a grupos de extrema direita a sua continuidade. Motta (2022), a respeito do papel fundamental do anticomunismo para mobilização da extrema direita nos últimos anos, esclarece a importância da defesa da ditadura militar para estes grupos:

Um dos pontos mais relevantes é precisamente o legado da recente ditadura militar, cuja defesa contribuiu para dar forma aos atuais movimentos autoritários e antiesquerdistas, que mostram nostalgia por uma época em que a esquerda não estava no poder, mas nas prisões, na clandestinidade ou no exílio. Além disso, o antipetismo combina-se à marcante tradição anticomunista, que se mostrou particularmente decisiva nos eventos de 1935-37, 1946-48, 1961-64. (MOTTA, 2022, p.07).

Com base em Halbwachs (1990, 2004), para quem a memória coletiva não é uma reconstituição do passado mas a mobilização deste a partir de interesses no presente, diríamos que o esforço para legitimar uma justificativa ao golpe de 1964 como uma contra-revolução se ancora na mobilização de uma memória social sustentada em quadros sociais morais e materiais (HALBWACHS, 1990, 2004) de referência conservadora que comungam ou reverenciam os interesses de determinados segmentos da sociedade. Estas memórias, individuais e coletivas, são mobilizadas a partir de visões comuns compartilhadas por determinados grupos sociais (MAGALHÃES, 2014).

Por sua vez, a produção audiovisual intitulada *Pátria Educadora* ratifica a mesma narrativa de dominação ideológica da esquerda na cultura e educação. A trilogia é composta por três episódios disponibilizados no canal oficial da empresa no YouTube entre março e abril de 2020. Os três vídeos já somam mais de 8 milhões de visualizações^v. Em seu conjunto, a produção sistematiza a visão preconizada pela empresa acerca do sistema educacional

brasileiro. Há uma clara tentativa de desmoralizar a educação pública: suposta dominação da esquerda, ou dos comunistas, no sistema educacional; a obra e influência de Paulo Freire como negativas ou prejudiciais à educação e as universidades como um grande centro de doutrinação e desperdício de dinheiro público são alguns dos argumentos centrais desta produção.

A título de demonstração, destacamos o segundo capítulo da trilogia que é intitulado *Pelas barbas do profeta*. O episódio concentra-se na trajetória de Paulo Freire como um intelectual da educação e a repercussão de sua obra no Brasil e no mundo, denunciando o que seria uma influência nefasta. O diplomata Gustavo Maultasch, em sua participação na produção, afirma:

Então, dessa maneira, o Paulo Freire constrói essa conexão entre uma atividade que seria meramente pedagógica até o exercício político em sala de aula, e eu acho que é inclusive daí, é dessa ponte que ele constrói, que vem a grande fama e a grande aceitação do Paulo Freire. O Paulo Freire, ele constrói essa estrada pra dar legitimidade a politicagem que o educador progressista já queria fazer antes. Ele cria um álibi, ele cria um pretexto pra você pode falar de política dentro da sala de aula. (BRASIL PARALELO, 2020).

Esta abordagem da obra de Paulo Freire parece ser um lugar comum nas relações estabelecidas entre a extrema direita no Brasil e a educação (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020; FEITOSA; SANTOS; SILVA, 2022) a partir da mobilização de um “ideal reacionário oriundo do período da ditadura militar-empresarial de 1964, a qual considerou Paulo Freire um ‘inimigo da Pátria’, sob o rótulo de subversivo” (CHACON; MARÇAL; VAZ, 2023, p.194). Em sua cruzada contra uma suposta ideologização do ensino a empresa endossa um coro de vozes conservadoras para a destruição da obra de Paulo Freire, inclusive desconsiderando o seu amplo reconhecimento mundial.

Neste capítulo da trilogia são entrevistados exclusivamente homens. Entre eles, Simon Schwartzman, Fausto Zamboni, Luiz Felipe Pondé e Ricardo da Costa, professores universitários^{vi}; Thomas Giulliano e Rafael Nogueira, historiadores^{vii} – este último tendo assumido a presidência da Fundação Biblioteca Nacional entre 2019 e 2022 –; João Malheiro, apresentado como diretor do Colégio Porto Real^{viii}; o diplomata Gustavo Maultasch; o jornalista Percival Puggina e dois nomes conhecidos da extrema direita brasileira, Flavio Morgenstern^{ix} e Olavo de Carvalho^x. Alguns deles têm presença constante em produções da empresa, como é o caso de Luiz Felipe Pondé, Thomas Giulliano, Rafael Nogueira, Percival Puggina, Flavio

Morgenstern e Olavo de Carvalho, que também participaram de *1964: o Brasil entre armas e livros* e de outras produções da empresa.

Apesar da preocupação da Brasil Paralelo em se autoafirmar enquanto uma empresa independente, livre de amarras político-ideológicas e, sobretudo, uma crítica do Estado, como observou Vasconcelos (2021), a produtora conta com a participação e apoio de expoentes do conservadorismo no Brasil, desde reconhecidos intelectuais, com alto nível de especialização, até personalidades políticas.

Este corpo de entrevistados ratifica a narrativa do filme de que a “educação freireana” ao mesmo tempo em que busca criar ou explorar ideologicamente uma tensão social (luta de classes, anticapitalismo), tem como resultado a manutenção de um *status quo*: “[...] O que Paulo Freire criou uma estratificação social invencível. Se você nasceu filho de pedreiro, é pra você ficar pedreiro o resto da sua vida. Você se inscreve no partido comunista e continua pedreiro” (BRASIL PARALELO, 2020).

O trecho supracitado é de Olavo de Carvalho – como já mencionado, um dos maiores expoentes da extrema direita no Brasil (CALIL, 2021) – e apresenta uma deturpação grosseira, ou mesmo uma total inversão dos objetivos de Paulo Freire. O que ele almejava era uma práxis pedagógica que conseguisse romper a atividade mecânica de “depositar” conteúdos nos alunos (educação bancária) e compreendesse a educação em sua relação dialética com a realidade social, por isso mesmo, política e potencialmente libertadora. Nas palavras de Paulo Freire: “A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2018, p.93, grifo do autor).

Neste segundo capítulo da trilogia, assim como em *1964: o Brasil entre armas e livros*, afirma-se que os governos militares não conseguiram conter, e em certa medida até favoreceram, a difusão do pensamento de Paulo Freire e da esquerda de uma forma geral reforçando o “perigo” da educação para a transformação social. A fala do historiador Ricardo da Costa é ilustrativa dessa questão:

Não tiveram a percepção que o ovo de serpente se encontra na educação. O Brasil tem uma longa tradição de esquerda. Desde o início do século com os anarquistas, desde a década de 30 com a expansão do comunismo, da União Soviética, né? A história registra espões enviados ao Brasil pra participar da revolução. Ouve a intentona comunista e tal. É, mas a coisa se intensificou, de fato, no início da década de 60. A grande revolução cultural, né? O é proibido

proibir, de Paris e tal. E aqui no Brasil foi decidido pelas esquerdas esse ataque a educação, a cultura. (BRASIL PARALELO, 2020).

Ao longo do filme há uma insistência na ideia de que as escolas e as universidades foram aparelhadas pela esquerda, inclusive com a anuência dos militares no poder. Ricardo da Costa, por exemplo, afirma: “Ao longo do período militar, ao longo do regime, lentamente as estruturas educacionais foram sendo aparelhadas [...]” (BRASIL PARALELO, 2020).

Nos apropriamos das discussões no campo da memória, podemos considerar que a história e a memória social da ditadura militar mobilizadas pelas produções da Brasil Paralelo se amparam em um quadro social (HALBWACHS, 1990, 2004) que visa enquadrar a Educação e a História da Ditadura Militar dentro de uma visão que enaltece um passado mítico e glorioso da nação brasileira que teria sido corrompido pela dominação esquerdista e por isso, precisa ser recuperado. Desse modo, os ataques a Paulo Freire, a contraposição ao pensamento educacional e a história crítica da ditadura perpassa diversos materiais da Brasil Paralelo, funcionando como um elemento de autolegitimação.

Poderíamos dizer, a partir de Ricoeur (2007), que há um “uso da memória” enquanto recurso para uma reivindicação ideológica, uma reabilitação do golpe e da ditadura militar a partir da instrumentalização de elementos fundantes das memórias sociais ligadas aos militares e civis conspiracionistas, como o anticomunismo. Para o autor, os usos e abusos da memória, a memória manipulada, está relacionado muito mais ao plano de uma coletividade onde a ideologia atua como um discurso justificador do poder e dominação e que tem como objetivo manipular narrativas para construção de uma identidade comum. Trata-se assim, de “formas concertadas de manipulação ou instrumentalização da memória” (RICOEUR, 2007, p. 83).

Poderíamos dizer que a narrativa costurada pela Brasil Paralelo, em seus filmes, se ampara em um uso – ou abuso – da memória (RICOEUR, 2007), visando a reconstrução de memórias coletivas e sociais com base em marcos sociais conservadores. Desse modo, a Brasil Paralelo contrapõe-se a uma memória de caráter crítico-analítica e emancipatória que vem alcançando o campo de estudos da História, especialmente a partir dos anos de 1970 com a chamada Nova História, e da Educação, a partir dos anos de 1930 com as propostas de democratização e universalização do ensino da Escola Nova, com a pedagogia libertadora de Paulo Freire e com as propostas pedagógicas contra hegemônicas (SAVIANI, 2011).

Diríamos que a narrativa da Brasil Paralelo se ampara numa espécie de “revisão ideológica” entendido aqui, a partir das proposições de Napolitano (2015, 2022), como uma releitura da Ditadura Militar e das concepções de Educação historicamente construídas no Brasil, sem vinculação com a historiografia, com objetivos exclusivamente políticos e predominantemente ligado a extrema direita. Trata-se da adequação de uma narrativa supostamente histórica/científica para validação de uma visão ideológica previamente determinada, uma manipulação da memória (RICOEUR, 2007) para construção de uma identidade nacional de base reacionária.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

A título de uma conclusão preliminar, destacamos o uso político da memória e da história da ditadura militar e da educação no Brasil para a legitimação de determinados valores e normas sociais por grupos de extrema direita em uma conjuntura de intensa luta política que vem sendo travada no Brasil nos últimos anos. Os vídeos analisados são representativos dos embates ou disputas de memória tanto da ditadura militar quanto da educação, de forma que, podemos considerar que esses usos e abusos da memória revelam, principalmente, os interesses presentes e perspectivas futuras da extrema direita no Brasil na conformação de uma identidade nacional de cariz reacionário e a busca por determinados modelos de sociedade.

Abordando variados temas de relevância social, especialmente nos campos da política, da economia e da cultura, a Brasil Paralelo se insere no debate público a partir de suas produções. No entanto, “opera fornecendo ferramentas retóricas que não visam a complexificar o debate público, tampouco a enriquecê-lo, mas sim miná-lo, cerceá-lo e reduzi-lo à sua própria interpretação da realidade” (SALGADO; JORGE, 2021, p.737).

Para se posicionar nesse cenário de confrontação e lutas políticas, a Brasil Paralelo faz uso de uma linguagem e recursos típicos das produções sobre história voltadas para o grande público, como os documentários históricos. Não obstante, o uso das tecnologias digitais tem favorecido a disseminação, através da internet, de um “revisão ideológica” que busca reabilitar a história da ditadura militar lançando mão, principalmente, dos ataques à historiografia crítica e à educação. Ao mesmo tempo em que critica o sistema educacional brasileiro, a empresa disponibiliza, mediante assinatura, uma gama de materiais e cursos inteiramente alinhados a valores ultraliberais e conservadores, ou seja, a Brasil Paralelo atua

ativamente não só para descredibilizar a educação escolar no país, mas também se colocando como uma alternativa a esta educação.

Podemos dizer que, nesse contexto de intensas disputas políticas e projetos de sociedade, a empresa busca, através dos seus filmes, a mobilização e instrumentalização de memórias sociais e políticas de um nacionalismo e de um anticomunismo que foram bastante exploradas durante a ditadura e depois dela para validar as narrativas dos vídeos.

Diante da atuação e crescimento da empresa, entendida aqui, não enquanto um caso isolado, mas como manifestação de um *modus operandi* da extrema direita no Brasil e no mundo, preocupados com a formação de quadros, insistimos na necessidade da continuidade dos estudos acerca desta temática no campo da memória social, entre outros. Sessenta anos após o golpe militar de 1964, permanece a necessidade de pesquisar, discutir e, mais do que nunca, educar a respeito do que representou os 21 anos de ditadura militar no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Robson Lima de; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Paulo Freire perseguido: a pedagogia freireana na mira do Escola Sem Partido. **Educação & linguagem**, v. 23, n. 02, p. 47-74, 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/10337>. Acesso em: 11 abr. 2024.

BRASIL PARALELO. **1964** - O Brasil entre armas e livros (filme completo). Direção: Filipe Valerim e Lucas Ferrugem. Produção: Henrique Zingano. Roteiro: Henrique Zingano e Lucas Ferrugem. [S. l.]: Brasil Paralelo, 2019. 1 vídeo (2h 07 min 19seg). Disponível em: <https://bit.ly/305UynX>. Acesso em: 04 abr. 2024.

BRASIL PARALELO. **PELAS BARBAS DO PROFETA | PÁTRIA EDUCADORA - CAPÍTULO 2 | FILME COMPLETO**. Direção: Filipe Valerim e Lucas Ferrugem. Produção: Henrique Zingano. Roteiro: Filipe Valerim, Henrique Zingano e Lucas Ferrugem. [S. l.]: Brasil Paralelo, 2020. 1 vídeo (1h 12 min 01seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPDjFGGN2w0&t=594s>. Acesso em: 04 abr. 2024.

BRASIL PARALELO. **Sobre Nós**, c2022. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo?utm_medium=home. Acesso em: 19 fev. 2024.

BUZALAF, Márcia Neme. A construção estereotipada do comunista na produção 1964- o Brasil entre armas e livros. **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – julho de 2019**. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2116-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema direita. **Argumentum**, v. 13, n. 2, p. 64–82, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/34166>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CARDOSO, Lucileide Costa. “Volta à ditadura”? Retorno da utopia autoritária presente nas memórias de militares e civis de 1964. **Contenciosa**, n. 8, p.1-11, 2018. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Contenciosa/article/view/8594/12016>. Acesso em: 11 abr. 2024.

CARVALHO, Roldão Pires; MARTINI, Maria Rovida. A propaganda do ticket conservador-liberal – uma análise do potencial ideológico do discurso do ativismo de direita. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 8, n. 15, p. 36-43, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/18634>. Acesso em: 25 out. 2023.

CASIMIRO, Flavio Henrique Calheiros. **A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida; MARÇAL, Caio César Sousa; VAZ, Aline Choucair. O agravamento da desigualdade social no Brasil no governo de extrema direita: ataques aos direitos humanos e ao ideário crítico de Paulo Freire. **Com a Palavra, O Professor**, v. 08, n. 22, p. 182–201, 2023. Disponível em: <http://revista.geem.mat.br/index.php/PPP/article/view/973>. Acesso em: 12 abr. 2024.

DIAS, André Bonsanto. Um Brasil (em) Paralelo: as “verdades” da ditadura e sua historicidade mediada como um empreendimento político. In: **Anais... XII Encontro Nacional de História da Mídia**. Natal: UFRN, 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-historiografia-da-midia/um-brasil-em-paralelo-as-201cverdades201d-da-ditadura-e-sua-historicidade-mediada-como-um-empreendimento-politico/view>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FEITOSA, Danillo Silva; SANTOS, Geisa Ferreira dos; SILVA, Sandra Regina Paz da. Paulo Freire e a pedagogia libertadora: uma ameaça à perspectiva de educação neoliberal da (extrema) direita no Brasil. **Filosofia e Educação**, v. 14, n. 1, p. 201–221, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668581>. Acesso em: 12 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2018.

GRUNER, Clóvis, CLETO, Murilo. “Sete denúncias”: guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. In: OLIVEIRA, R. CHRISTINO, D. e MACHADO JR. E (Org.). **COVID-19 e a Comunicação**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 357-382. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/covid-19.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Tradução: Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Barcelona: Anthropos, 2004.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Espanha, Siglo Vienteuno, 2001.

LIMA, André Nicácio. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. **Temáticas**, Campinas, v. 27, n. 54, p. 15–38, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3mwmAk8>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. História, Memória e Geração: remissão inicial a uma discussão político-educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 55, p. 94-103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640463>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A guerra cultural bolsonarista e as disputas pela história recente. **Contenciosa**, v. 12, p. 1-25, 2022. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/journal/607/6073558002/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo Histórico. In: SZWAKO, José; RATTON, José Luiz. **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe editora, 2022. p. 216-219

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antíteses**, v. 8, n. 15, p. 9-44, nov. 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/23617>. Acesso em: 10 abr. 2024.

NOIRET, Serge. História Pública Digital | Digital Public History. **Liinc em Revista**, v. 11, n. 1, p. 28-51, mai. 2015. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 19 abr. 2024.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **Rebela**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 101-110, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://iela.ufsc.br/rebela/revista/artigo/os-mitos-da-brasil-paralelo-uma-face-da-extrema-direita-brasileira-2016-2020>. Acesso em: 25 jan. 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François, *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SALGADO, Julia; JORGE, Mariana Ferreira. Paralelismos em disputa: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, 726–738, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27797. Acesso em: 09 dez. 2023.

SANTHIAGO, Rodrigo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. *In*: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R. de; SANTHIAGO, R. (org.). **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-26.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro. **Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e “Guerra Cultural”**: “Brasil Paralelo” e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020). Orientador: Rodrigo Ribeiro Paziani.2021.147f. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

VASCONCELOS, Francisco. A “guerra cultural” neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo. **Revista de História da UEG**, v. 10, n. 2, p. 78-95, jul/dez 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/11549>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NOTAS

ⁱ Este texto é um recorte das pesquisas de mestrado e de doutorado (em andamento) orientadas pela Prof.^a Dr.^a Livia Diana Rocha Magalhães.

ⁱⁱ A empresa foi aberta oficialmente em 09 de agosto de 2016 com o nome Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A com o nome fantasia Brasil Paralelo, com o Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) nº 25.446.930/0001-02. Fonte: <http://cnpj.info/Brasil-Paralelo-Entretenimento-e-Educacao-S-A> Acesso em: 04 jul. 2023.

ⁱⁱⁱ Esta produção é composta por três capítulos: *O fim da história, Pelas barbas do profeta e Guerra contra a inteligência*, respectivamente.

^{iv} Em 13 de abril de 2024, o vídeo somava 11.292.231 de visualizações.

^v Em 13 de abril de 2024, os três vídeos somavam 8.373.120 de visualizações.

^{vi} Segundo informações disponíveis na plataforma *Lattes*, Simon Schwartzman é professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fausto Zamboni é professor de Língua e Literatura Italiana da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Ricardo da Costa é historiador e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Luiz Pondé está vinculado a Pontifícia Universidade Católica (PUC) e ao Centro Universitário Armando Álvares Penteado.

^{vii} Thomas Giulliano é graduado em História e especialista em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Rafael Nogueira é graduado em Filosofia e Direito pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).

^{viii} De acordo com as informações disponíveis na plataforma *Lattes*, João Malheiro é mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

^{ix} Flávio Azambuja Martins é escritor e ativista da extrema direita no Brasil, atuando principalmente na internet.

^x Segundo Calil (2021), Olavo de Carvalho é um expoente da extrema direita no Brasil que ganhou projeção em fins dos anos de 1990 conquistando uma ampla gama de seguidores, inclusive entre os altos escalões do governo Bolsonaro e da própria família Bolsonaro.